

100.

# EXAME HISTORICO

EM QUE SE REFUTA A OPINIÃO

DO

Sr. A. HERCULANO

SOBRE A BATALHA DE CAMPO DE OURIQUE

A QUE ELLE CHAMA JORNADA OU CORRERIA

E AFFIRMA QUE DE UM TAL FACTO NÃO EXISTE VESTIGIO ALGUM  
NOS HISTORIADORES ARABES.

OFFERECIDO

A

TODOS OS PORTUGUEZES AMANTES DA GLORIA NACIONAL

POR

A. C. P.



---

LISBOA

IMPRESA NACIONAL.

1851.

*Amicus Plato, sed magis amica veritas.*

Respeitamos os sabios, porém á verdade tributamos veneração.

## ADVERTENCIA.

QUANDO ha tres annos lemos o primeiro tomo da *Historia de Portugal*, escripta pelo Sr. A. Herculano, começámos desde logo a tomar os devidos apontamentos para lhe respondermos em alguns factos, e proposições, se a vida nos dêsse para isso o tempo necessario: porque julgámos um dever sagrado para o escriptor o attender sempre em quaesquer questões á observancia do decoro, que exige a materia da controversia, e as pessoas litigantes, o que se não verificará, quando houver precipitação.

Porém as cousas correram mui diversas do que esperavamos: e no meio de tão desagradavel debate litterario, pessoas instruidas, e sensatas nos tem interrogado, sobre o que nos parece a proposição do Sr. A. Herculano, em que elle chama á batalha de Ourique uma jornada, ou correria, e que de um tal facto não existe o minimo vestigio nos historiadores arabes — e, em resposta a uma tal pergunta, é que nós publicámos este nosso pequeno trabalho, por ser de interesse á historia, e de gloria para a nossa patria.



## EXAME HISTORICO.

---

### § 1.º

**A**INDA que não tenhamos a fortuna de conhecer pessoalmente o Sr. A. Herculano, comtudo elle é por nós mui bem conhecido pelo distincto nome, que merecidamente gosa na republica litteraria: a pureza de sua linguagem, a severidade de sua critica, e sua erudição vastissima, são outros tantos motiyos, que ha muito produziram em nosso coração uma particular sympathia, e o muito respeito, que lhe tributâmos: todavia um motivo ainda mais forte nos constrangeu a romper nosso, talvez suspeito, silencio; este foi a verdade, e tanto mais, quanto essa mesma verdade abona o valor dos portuguezes no começo de sua independencia nacional, e o credito da litteratura arabica, que havemos grangeado com tanta glória.

Nós dissemos, que o silencio talvez seria suspeito: e na verdade assim o deveriam reputar todos os que prezam a egualdade, e amam a justiça; e por certo mereceriamos uma tal reprehensão, se votassemos ao esquecimento as inexactidões de um escriptor nosso, em materia de litteratura arabica, quando nós tanto censurámos, e reprovámos, com todas as leis da analyse grammatical, e a severa critica da historia, não só o manuscripto arabe, attribuido a Abdallah-Mo-

ammed, mas tambem a sua traducção feita por mr. Alphonso Rousseau, como se pôde ver nas actas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, sob o n.º 8—1849, desde pag. 410—418, e continua em n.º 1—1850, desde pag. 5—13.

§ 2.º

«*Verum opere in longo fas est obrepere somnum.*»

Não deve, pois, o nosso digno escriptor portuguez levar a mal, que se lhe diga com franqueza, que não estava habilitado convenientemente para escrever com a necessaria critica sobre a historia dos musulmanos, tanto na propria Africa, como durante o seu dominio na Peninsula; por quanto mostra ignorar a lingua arabe, e até não distinguir seus caracteres, e sua legitima pronuncia. E para assim nos convençermos, bastará só, por brevidade, repetir o que se acha escripto na sua *Historia*, onde o Auctor affirma ser o vocabulo *Guadiana* de origem phenicia; que *Alcacer* significa — os paços reaes; que *Ourique* significa — nome proprio de logar ou castello; que *Iman* significa — dignidade religiosa; e, finalmente, que *Ismar* é corrupção de *Omar*, ou *Ismael*, quando são tres nomes proprios, e distinctos, e que designam tres diversos individuos.

Comparadas estas, e outras muitas inexactidões com as distinctas qualidades, que o digno Auctor possui de verdadeiro litterato; por isso lhe julgámos appropriado o citado verso do judicioso Horacio: é sem duvida uma grande parte da sua introducção á *Historia* um profundo somno, em que, levado pela sua muita licção, caiu insensivelmente, acordando no liv. 3.º da mesma *Historia* com o singular sonho, em que affirma ter sido a batalha de Campo de Ourique uma jornada, fossado, ou correria; e que de um tal factó não existem vestigios alguns nos historiadores arabes: como se lê no liv. 2.º, a pag. 328, lin. 7.<sup>a</sup>: — «... e nos diversos escriptores arabes... não se encontra o minimo vestigio de um factó, que pouco devia avultar no meio de graves acontecimentos...»

## § 3.º

Provaremos, pois, que a batalha de Campo de Ourique foi uma batalha campal, e sanguinolenta, e o golpe fatal ao dominio dos musulmanos: confessado tudo isto pelos proprios historiadores arabes, cujos manuscriptos possuimos, e offerecemos para serem examinados por quem assim o desejar.

Antes de apresentarmos as auctoridades historicas, sua traducção, e as convenientes, e indispensaveis explicações, analysaremos primeiro a narração, que o digno Auctor faz sôbre o factio memoravel de Ourique; o que, juntamente com as antecedencias, e consequencias ao mesmo factio, occupa no seu liv. 2.º desde pag. 319 até pag. 329.

Toda esta narração envolve enganos historicos, e obscuridades, ou antes contradicções.

Diz o Auctor a pag. 319, lin. 9:—«... que Aly-Ibn-« Iussuf continuava a reinar tanto no Andaluz, como no Magh-« reb; mas a revolução politica e religiosa, que devia acabar « dentro de pouco tempo com a dynastia lamtunense, tinha « principiado, e tomava cada vez maior incremento.»

Eis uma dessas preparações oratorias, que muito deveria concorrer para fazer crível a narração seguinte: que se lê desde pag. 322, lin. ultima, até pag. 323, lin. 9.ª:—« En-« trados na epocha da batalha de Ourique, e constrangidos, « pelo ás vezes bem triste dever da sinceridade, a reduzir ás « suas dimensões verdadeiras um factio, que a tradição de « seculos approuve cercar de fabulas não menos absurdas que « brilhantes, cumpria-nos dar a conhecer a situação desses « homens, que nos campos do Alemtéjo vinham combater com « os duros cavalleiros de Affonso Henriques. Era uma seita « agonisante... era a estrella da dynastia lamtunense, que « se eclypsava...»

Começaremos pela pretendida preparação: nesta se dá um anachronismo, que tem por fim tornar crível a circumstancia, com que o Auctor procurou desta fórma deprimir a victoria de Ourique, sendo tão poucos os inimigos, e grande o numero de mulheres, que pecejaram ao lado dos maridos, visto

que as guerras na Africa deviam chamar para lá as forças musulmanas.

§ 4.º

Nada tem o facto de Ourique, succedido no reinado de Aly-Ben-Taxefin, com Aly-Ibn-Iussuf: porque este Aly-Ibn-Iussuf foi o primeiro imperador da dynastia dos morabethins, e falleceu no anno 496 da Hegira, 1103 da era christã: este mesmo, durante o seu reinado, não soffreu revolução alguma religiosa, mas sim duas puramente politicas, e que no seu mesmo tempo acabaram; destas a principal, e que elle em breve debellou, foi a que contra elle suscitou um seu primo, chamado Abu-Beqner, que elle havia deixado governador em Marrocos, durante sua ausencia, em quanto ia a uma provincia.

Não foi portanto no reinado de Aly-Ibn-Iussuf, nem durante o de Aly-Ben-Taxefin, que começou a pretensão do celebre El-Mohdy, mas sim no reinado de Taxefin-Ben-Aly, que succedeu a Aly-Ben-Taxefin, isto é, principiou no reinado do 3.º imperador, e só tomou seu maior incremento no meio do reinado do 4.º imperador da dita dynastia dos morabethins, que foi Ibrahim-Ben-Taxefin: logo no reinado de Aly-Ben-Taxefin, em cujo tempo foi a batalha de Ourique, não houve revolução, nem politica, nem religiosa, que distraísse as tropas musulmanas da Peninsula; o que tudo confirmâmos, convidando nossos leitores a que leiam os capitulos, desde 32 até 36, inclusivamente, da *Historia Genealogica dos Imperadores Musulmanos*, escripta por Abu-Mohammed Salih Abd-Alihim.

Diz mais o Auctor: «a dynastia lamtunense.» Com esta expressão parece que o Auctor pretendeu explicar o *Amazonico ritu* da chronica gothica, e confirmar a idéa do grande numero de mulheres, que foram encontradas no campo inimigo, e ao mesmo tempo fazer acreditar covardia nesses mesmos poucos musulmanos, que então se acharam no conflicto. Mostraremos haver nesta expressão um equivoco para quem não souber a historia a que se allude, e tambem a nenhuma paridade com o facto de que se trata.



O vocabulo *lamtunense*, ou antes *al-molatamenense*, está tão longe de indicar covardia, que, pelo contrário, os soldados de uma tal raça sempre foram, e ainda hoje são, reputados pelos mais valentes e corajosos dos arabes, mórmente na arma de cavallaria: mas descubra-se o enigma, e desaparecerá o equivoco, repetindo fielmente a historia.

§ 5.º

Usam as mulheres de toda a Arabia e Africa, quando saem de casa, de um lenço largo no meio, e estreito nas pontas, com o qual cobrem a bocca, nariz e barba, ficando sómente livres os olhos; e a este lenço chamam *letam*. Succedeu, pois, que os arabes da provincia de Hemiar, que no tempo de Abu-Bequer, 2.º califa depois de Mohammed, se foram estabelecer na Syria, e depois no Egypto; e querendo passar para o interior da Africa, tiveram que bater-se uma só vez com o inimigo, que se lhes oppoz á sua passagem em campo de batalha, mui superior em numero: pozeram então os ditos arabes suas mulheres em linha de batalha, formando a rectaguarda; e elles se postaram na frente, porém egualmente com os rostos cobertos com o dito lenço, pelo que os inimigos se persuadiram de um numero duplicado; o que junto á fama de serem estes arabes de uma raça valente e corajosa, lhes deu a victoria.

O primeiro imperador da dynastia dos morabethins, Aly-Ibn-Iussuf, foi um dos principaes chefes desta tão celebrada tribu, e por isso é que os africanos appellidaram, não só os imperadores desta dynastia, mas tambem os seus valentes soldados, *Al-molatamins*, epitheto honroso, e de illustre recordação.

Não consta portanto, que se repetisse um equal estratagemma por parte dos musulmanos, nem houve depois, nem ha tal costume de as mulheres acompanharem os maridos na guerra. Á vista do que fica dito julgâmos que o auctor da chronica gothica, quando escreveu — *Fæminæ ... amazonico ritu, ac modo pugnarunt* — querendo exaggerar a victoria, empregou uma hyperbole historica, o que não admira; e isso mesmo bem se deduz da nenhuma paridade que se descobre

em um tal facto; pois quem será tão ignorante, que se persuada, que as musulmanas, privadas do peito direito, e armadas com aljavas, arremeçassem ervadas setas, ao rito e modo das amazonas, quaes no-las pintam os historiadores, e as descrevem os poetas?

Temos portanto provado, que durante o reinado de Aly-Ben-Taxefin, não teve elle obstaculo algum para enviar á Peninsula consideraveis forças musulmanas, como effectivamente enviou, e como logo se confirmará; e que essas tropas tão longe eram compostas de soldados covardes, que pelo contrario foram escolhidos dos reputados por elles mesmos, como os mais valentes e destemidos.

### § 6.º

Continua o Auctor a deprimir a valentia dos morabethins: dizendo a pag. 320, lin. 17:

«Declarou-se émir-el-muminina, ou kalifa, titulo que nenhum dos émires lamtunenses, apezar de dominarem na «Africa e na Hispanha, ousára tomar para si.» — Este elogio dado a Abd-el-Mumin, primeiro imperador da dynastia dos al-moahhadins, que succedeu á dos morabethins, offerece uma especie de falta de sinceridade historica, e ao mesmo tempo indica impericia da lingua e da historia.

«Declarou-se» diz o Auctor: expliquemos este facto. — Morto El-Mohhady, levantaram-se entre seus discipulos rebuidas contendidas, sobre quem lhe deveria succeder; o que não admira, por ser natural o quererem todos aspirar a uma tal honra, ou antes, proveito: e isto durou por mais de dois annos; neste espaço de tempo o impostor Abd-el-Mumin, que não achava favoraveis disposições a seu plano, domesticou um leão a deitar-se-lhe no côlo, e ensinou um papagaio a dizer a seguinte lenda: «*Annássirú úa attamiquinú iassláh* «*al-galifatu Abd-al-Mumin amiru-al-muminina.*» Quer dizer: «As victorias e a segurança do reino competem ao successor Abd-el-Mumin, imperador dos crentes.» O que assim preparado, reunindo seus companheiros o povo no espaçoso campo para a eleição, o criado soltou o leão, que rom-

peu por entre os circumstantes, e se lhe foi deitar no côlo; e sendo-lhe trazido o papagaio, logo que este o viu, começou a repetir a lenda supradita: todos ficaram então admirados, e olhando uns para os outros, disseram: — «Não ha «necessidade de eleição, quando as feras obedecem a este homem, e as aves o proclamam.» — Eis o verdadeiro factó historico: foi portanto a sua acclamação devida a um em-buste, e não á fama de sua coragem e valentia, como succedeu á dynastia dos morabethins.

### § 7.º

Passemos agora aos erros da lingua e da historia.

«Êmir-el-muminin, ou kalifa.» Deveria escrever *Emir-al-muminina*, e este titulo não é synonymo de kalifa; por quanto dão-se alli tres vocabulos com significações mui diversas entre si. *Emir* significa — Imperador; *Muminina* quer dizer — Crentes; *Kalifa* significa — o legitimo successor.

Este honroso titulo *Chalifa* foi especialmente consagrado para com elle se designarem os imperadores do Oriente, que tinham qualquer relação de parentesco com Muhammed; e por esta razão só foi dado até ao ultimo imperador da dynastia dos abbasidas, que foi Ahmed-Abulabbas-Cadirus, e acabou no anno da Hegira 414, ou 1023 da era christã; e nunca mais foi dado a nenhum outro depois, como se póde ver na *Historia Geral dos Serracenos* por Elmacino: — el-muminin — Depois daquelle ultimo abbasida, ficaram chamando-se os imperadores do Oriente *Emir-al-Musilimina*, isto é, imperador de todos os que seguem a religião de Muhammed; e se traduz: — imperador dos musulmanos: — succedeu, porém, que os arabes, como todos sabem, invadiram a Hispanha, e que os governadores ou regulos, depois de terem alargado suas conquistas, começaram a cunhar moeda, mandando gravar nesta o titulo de *Emir-al-Muminina* — imperador dos crentes; — e assim explicavam o que verdade era: por quanto não só lhe estavam sujeitos os musulmanos, mas tambem os christãos, naturaes das terras, que elles conquistavam, por isso que a significação propria de *Muminina*, é

—os que se submettem á protecção de alguém; assim o vemos confirmado pela *Historia* já citada de Abd-Alihim, no cap. 14, pag. 3.<sup>a</sup>, onde se diz (A)... que quer dizer: «E «mandou-os Mussa ao Emir-al-Muminina (ao imperador dos «crentes), o victorioso pela permissão divina, em Cordova; e «isto foi no anno 323.» (934 da era christã). Titulo foi este, que logo o arrogaram para si os imperadores, quando começaram a intervir na Hispanha, ou sob pretexto de auxilio aos musulmanos nella residentes, ou com o fim especial de um dominio directo sobre esta Peninsula: logo está provado, que tambem os morabethins tiveram o titulo de *Emir-al-Muminina*, e que o Abd-el-Mumen nunca teve o de *Kalifa*. Diz o Auctor a pag. 327, lin. 14: «... estava assentado o «logar, ou castello denominado pelos arabes *Orik*.» Quer dizer o Auctor, que o lugar, em que houve aquelle conflicto, já antes era conhecido pelos arabes com o nome de *Orik*; e confirma esta idéa com a auctoridade de Moura. — *Vestig. da Ling. Arab.* p. 171.

## § 8.º

Provaremos, pois, que *Orik* não significa nome proprio de lugar, nem de castello: é um nome substantivo appellativo, dado por antonomasia áquelle campo, só depois de uma tão desesperada batalha campal.

Não se encontra nos historiadores arabes o vocabulo *Orik*, ou outro, que com elle se pareça, dado a terra, lugar, ou castello algum da Peninsula Hispanica. É todavia justo, que declaremos neste lugar, que o Auctor nenhuma culpa tem, porquanto elle seguiu a erradissima etymologia, que lhe deu Moura nos *Vestigios Accrescentados*, a pag. 171: opinião que vamos a refutar: «*Orique* — *Ariqun* — é nome de lugar.» Diz Moura no lugar citado. É bem clara, mesmo para os que ignoram a lingua arabe, a nenhuma analogia que se nota com o ouvido, entre *Orique* e *Arique*, além de que, Moura foi buscar, como raiz de tal vocabulo, o verbo arabe *araka*, cuja primeira letra radical, que é um *alif*, não soffre a conversão para a letra *o* nas linguas europeas: em *Golio*, a pag. 74, acha-se, é verdade, um vocabulo derivado do dito verbo *araka*,

que significa um nome de lugar; porém deve notar-se, que se lê *Uraiku*, nome proprio de um lugar na Arabia: finalmente, ainda mesmo que se quizesse admittir uma tal etymologia, e tão forçada, por certo julgâmos, que não agradaria ao proprio Auctor, pois que em tal caso significaria —no campo do prodigio.— *Golio*, a pag. 75.

É forçoso portanto, que lhe assignemos uma etymologia, que mais se conforme com a orthographia e genio da lingua, e ao mesmo tempo exprima essa mesma idéa, que os historiadores explicaram com os vocabulos, que deram a esse campo de batalha, quando a descrevem.

Dois são os vocabulos, que se acham dados ao campo daquella batalha nas antigas chronicas: *Orique* e *Olique* — o primeiro nasce do verbo *araka*, cuja primeira letra radical é *aain*, e não *alif*, e significa —adversidade— o segundo nasce do *alaka*, com a mesma primeira letra radical, que o primeiro, e significa —infortunio.— Donde se conclue, que tal seria o conflicto, a cujo logar o vulgo arabe poz, por antonomasia o nome de —*Campo da Adversidade*— ou —*Campo do Infortunio?*— nomes que se ajustam perfeitamente com os dois que os historiadores lhe dão, chamando-lhe um o *Campo de Attibbat*, que quer dizer —Campo da Destruição.— *Golio*, pag. 1598; outro lhe chama o *Campo de Sabbat*, quer dizer —Campo do muito sangue derramado.— *Golio*, pag. 1333. Nem é para admirar, que a um mesmo logar os arabes dêem quatro nomes diversos, quando a Gibraltar os historiadores, e o vulgo arabe, por cinco vocabulos diversos, designam aquelle mesmo, e um só logar; o que é devido á extraordinaria riqueza da lingua.

### § 9.º

Diz mais o Auctor a pag. 323, lin. 4.ª: «... dar a co-  
«nhecer a situação desses homens... (os sarracenos).» A mais notavel circumstancia desta situação, e que o Auctor tanto pretende exaggerar, era o pequeno numero dos inimigos; isto é, eram tão poucos os sarracenos, que estes se viram obrigados a preencherem as suas fileiras com mulheres; e assim o explica o mesmo Auctor, a pag. 327, lin. 21.ª:

«... para preencherem as fileiras, ou rareadas pela partida « de Taxefin... »

Lê-se nas *Historias*, por nós já citadas, e nos capitulos pela mesma ordem numerados, que o imperador Aly-Ben-Taxefin, em cujo reinado foi a batalha de Campo de Ourique, quatro vezes passára elle em pessoa á Hispanha, subjugando suas provincias, e as ilhas Balcares, depois de ter conquistado as provincias mais remotas em Africa: a primeira em 500 da Hegira (1107 de Chr.); a segunda em 503 (1110); a terceira em 511 (1117); a quarta em 515 (1120); e que em 533 (1139) mandou-lhe elle seu filho, o futuro successor, á testa de um grande reforço de tropas, com o pretexto de fazer cruel guerra aos christãos, em quanto elle se preparava para lhes dar o ultimo golpe a geito do seu vastissimo plano: o que podêmos confirmar, copiando em Abd-Alihim, cap. 33, pag. 10; e em Muhammed-Ben-Abi, cap. 28, pag. 5, o seguinte (*B*)... Quer dizer: «E passou para « a Andaluzia com um corpo de cinco mil homens de cavallaria, e ao qual se seguiam os exercitos de infantaria: e « isto foi no anno 533.»

Temos portanto provado: 1.º, que a batalha de Campo de Ourique foi no tempo de Aly-Ben-Taxefin, segundo imperador da dynastia dos morabethins; 2.º, que neste tempo nenhuns obstaculos tinha a vencer o imperador em seu proprio paiz, que lhe prohibisse as continuas expedições, que realisou sobre a Peninsula; 3.º, que tanto o imperador, como os seus soldados, eram os mais intrepidos e corajosos de todos os arabes; 4.º, finalmente, que no conflicto de Ourique, tão longe tiveram os sarracenos as suas fileiras rareadas, que pelo contrario elles receberam então consideraveis reforços de cavallaria e infantaria.

Dissemos, que a narração do Auctor envolvia egualmente contradicções manifestas; o que passamos a provar.

#### § 10.º

Tito Livio, na sua *Historia Geral de Roma*, liv. 1.º, cap. 25, descrevendo elegantemente o combate entre os tres Ho-

racios e os tres Curiacios, desenha com tão vivas cores aquelle conflicto, e representa de tal maneira crível, e com tanta naturalidade, a triste situação dos vencidos Curiacios, que o desprevenido leitor exclamará, como elle, dizendo: *Nec illud praelium fuit*. Tito Livio, porque não era coevo, não duvidou copiar, segundo nos parece, os antigos historiadores Fabio Pictor, e o por elle tantas vezes citado, Valerio Ancias; e por isso não cuidou em applicar sua nimia critica ás talvez hyperbolicas circumstancias dos celebres factos de um Horacio Cocles, de um Mucio Scevola, da virgem Clelia, e outros; mas porque taes circumstancias, se bem que exaggeradas, tinham o cunho da credulidade, elle preferiu á sua critica o honroso credito nacional. Aconteceu, porém, o contrario ao Sr. A. Herculano: porquanto na sua *Historia Geral de Portugal*, no liv. 2.º, chegando ao facto memoravel da batalha de Ourique, despreza a sua gloriosa e quasi universal tradição, e duvidando um pouco sobre a auctoridade dos antigos escriptores, derrama todo o fel de sua critica sobre algumas circumstancias, e quem sabe se exaggeradas; sem lhe importar a quebra na reputação nacional, começada na terceira guerra punica; e descreve com tão feias cores a triste situação dos vencidos sarracenos, que parece exclamar, qual outro Livio: «*Nec illud praelium fuit.*» Não foi uma batalha campal. Mas o que foi? Que nome se deve então dar a esse conflicto?

A estas perguntas, que naturalmente deveriam ter soado aos ouvidos do Sr. Herculano, responde balbuciando: agora, uma jornada; logo, uma correria, ou fossado: eis portanto o começo de suas contradicções.

### § 11.º

Se um escriptor qualquer merece áspera censura, quando abusa das palavras, empregando diversas para exprimirem uma só e a mesma idéa; maior crime commette sem dúvida o historiador, quando assim escreve, mórmente se elle despreza a propriedade das palavras technicas, naquella arte, ou sciencia, a que pertencem os factos, que então refere; por-

que, além da obscuridade, que resulta de uma narração por tal modo feita, é mui facil o cair em contradicção.

Chama o Sr. Herculano ao facto de Ourique *jornada*, *correria* ou *fossado*, isto é, reputa como synonymos todos os tres vocabulos: porque a pag. 324, lin. 26.<sup>a</sup>, diz o Auctor, fallando de D. Henrique: «... e atravessando no seu terrivel «fossado, ou correria;» a pag. 329, lin. 25.<sup>a</sup>, diz, fallando da batalha: «apoz esta jornada;» e a pag. 484, nota 16.<sup>a</sup>, diz: «discutir todas as fabulas, que se prendem á jornada de «Ourique.» Ha tambem nisto uma grande confusão; porque não sabemos, qual dos tres vocabulos serve de base á synonymia; e o Auctor, em vez de o explicar, ainda mais confunde, ligando ao vocabulo *fossado* idéas contrarias; pois que n'um lugar entende *fossado* como expedição; n'outro, como simples entrada, dizendo a pag. 325, lin. 1.<sup>a</sup>: «fossados, expedições, cujo fim principal...» e a pag. 328, lin. 25.<sup>a</sup>, diz: «fossado, isto é, uma dessas entradas.»

Examinemos, porém, se aquelles tres vocabulos são havidos como synonymos, segundo a legitima auctoridade dos classicos; consultando-se os melhores dictionarios, acha-se que, *jornada* toma-se em tres accepções — caminho feito n'um dia, expedição militar, batalha; — *correria* significa — saída repentina do inimigo, assaltada repentina de inimigo; — *fossado* (sendo derivado do hispanhol) significa — reparo dos muros; — mas sendo derivado do arabe, então não significa entrada, nem expedição, mas significa sómente — assolação e matança feita no campo inimigo; — vem do verbo arabe *fassada*, que na segunda conjugação significa *Grassatus est inferendis malis, uti in gregem lupus.* — *Gol.* pag. 1798. E como não podemos admittir no Auctor ignorancia da lingua patria, segue-se que, pelo abuso de taes vocabulos, caiu no defeito da obscuridade; tambem peccou sem duvida alguma contra a propriedade technica da arte militar; pois que nesta, os vocabulos *sortida*, *correria*, *expedição* e *batalha*, são tão diversos e distinctos entre si, como são distinctas e diversas as idéas que elles exprimem; donde se conclue, que o Auctor, confundidas estas, caiu necessariamente em contradicção.



## § 12.º

Comparadas todas as differentes accepções, em que podem ser tomados os tres vocabulos empregados pelo Auctor, vê-se, que todos tres, ou só exprimem *correria*, ou sómente *expedição militar*.

Supponhamos a primeira: *correria*, como já se disse — é a saída, ou assaltada repentina sobre o campo inimigo; mas os sarracenos souberam de ante-mão essa mesma assaltada, e para a qual se prepararam e dispozeram; então não foi repentina, logo ha contradicção: ora, que os sarracenos já se achavam prevenidos, é um facto, que o proprio Auctor affirma em dois logares; o primeiro é a pag. 325, lin. 11.<sup>a</sup>, dizendo: « Assim era necessario que em si propios buscassem sem recursos para cortarem o passo aos christãos, servindo-se unicamente das fôrças, que lhes deixára Taxefin. » O segundo é a pag. 327, lin. 7.<sup>a</sup>, onde diz: « O que sabemos é que os chefes musulmanos, pelo menos os de Alemtéjo, se uniram para atalhar a invasão do terrivel Ibn-Errik. »

Supponhâmos agora a segunda, isto é, *uma expedição militar*. Este vocabulo, em sentido technico, exprime a jornada militar, ou o movimento de fôrças militares para uma qualquer empreza, excluindo de si toda a idéa de seu fim, e até de seu resultado; mas o facto de Ourique foi um combate em rasa campanha, ou, o que é o mesmo, uma batalha campal; logo dá-se, ou contradicção, ou o Auctor confundiu o plano com o seu resultado: que o facto de Ourique fôra uma batalha campal, não só o começámos a provar já pela significação dos termos — Orique, e conducção das tropas musulmanas para esse logar — mas é o mesmo Auctor, que o affirma a pag. 330, lin. 1.<sup>a</sup>, onde se lê o seguinte: « O principe portuguez mostrava ao imperador qual era a ousadia dos cavalleiros e homens de armas de Portugal; habituava estes a combater os infieis em rasa campanha. »

## § 13.º

Que o Sr. Herculano caísse em obscuridades, e até mesmo em contradicções, não era para admirar, porque, como diz Ho-

racio—*Quandoque bonus dormitat Homerus*—mas que o mesmo Sr. Herculano tanto aviltasse o valor dos portuguezes, dando os epithetos ironicos de audacia a um facto, que, segundo elle o descreve, merecia o cunho de covardia—é o que deve causar espanto a todos.

É a audacia, ou ousadia, o atrevimento com que qualquer se expõe a perigos; crescendo aquella á proporção que estes augmentam intensiva e extensivamente. Se o Auctor, descrevendo a celebre, mas infausta expedição africana, em que o joven principe, á testa de um pequeno numero de tropas bissonhas, em terreno estranho e hostil, offereceu batalha campal a um numero quasi infinito de musulmanos; se a esta empreza lhe dêsse o nome de audacia, ainda assim julgariamos um epitheto muito inferior á idéa que todos naturalmente concebem de um tal facto; mas o Sr. Herculano descreve a correria, ou a expedição de *Orik*, praticada pelos ousados cavalleiros e homens de armas de Portugal, contra os musulmanos, collocados em paiz inimigo; poucos, por serem restos das forças do ausente Taxefin; covardes, porque no combate se auxiliaram com suas mulheres; e esmorecidos, pelos revezes soffridos na Peninsula e na Africa: e a isto, que elle chama empreza, e outro denominaria vergonha, lhe dá o epitheto de audacia: assim o confirma no logar proxima-mente citado, quando diz «ousados cavalleiros»—a pag. 324, lin. ult. «a audacia da empreza»—e a pag. 328, lin. 23.<sup>a</sup> «a audaz empreza do principe.»

Qual desses cavalleiros portuguezes, existindo hoje, se possível fosse, que ao ouvir uma tal narração, de vergonha susteria as lagrimas!

*Quis talia fando . . . . . Temperet à lacrimis!*

#### § 14.º

Outras muitas provas de eguaes contradicções poderíamos apresentar, deduzidas da confrontação entre diversas expressões, que o Auctor inadvertidamente deixou espalhadas em sua narração; porém basta; e, por não sermos diffusos, vol-

taremos ainda a uma resumida analyse sobre o logar já citado, que vem a ser a pag. 484, nota 16.<sup>a</sup>: «discutir todas «as fabulas, que se prendem á jornada de Ourique.» É verdade: concedemos que todos os escriptores, e a mesma tradição, prenderam á jornada, correria, ou fossado de Ourique, muitas fabulas; e concederemos, não só essas todas, mas ainda outras tantas, que sejam eguaes áquellas a que allude; o que não concedemos, é, que os escriptores ligassem ao facto de Ourique fabulas eguaes ás que o Sr. Herculano lhe prendeu: porque as fabulas, a que o Auctor se refere, todas, se bem que hyperbolicas, ou exaggeradas, são possiveis, e com tal nexa entre si, que as torna criveis, e como taes não destroem a verdade do facto principal; porém as do Sr. Herculano são impossiveis, e sem nexa, e por isso incriveis. A prova desta proposição, é a sincera confissão do proprio Auctor, que insensivelmente lhe caiu dos bicos da penna, quando escrevia a sua *Historia*. Abra-se, pois, a *Historia*, e a pag. 328, lin. 11.<sup>a</sup>, diz o Sr. Herculano: «Sa-

«bemos só que Affonso Henriques derrotou os sarracenos.» Eis-aqui uma proposição, a que os logicos chamam — Proposição composta occultamente, e exclusiva, com a particular denominação de — Proposição de *Pradicato excluso*. — Decompondo-a, pois, em seus elementos, apparecerão necessariamente as duas seguintes proposições: 1.<sup>a</sup> «Não sabemos os «factos circumstanciaes, que se prendem ao facto principal.» 2.<sup>a</sup> «Sabemos só a derrota dos sarracenos por Affonso Henriques» (que é o facto principal).

Sobre a primeira faremos o seguinte raciocinio:

Visto que o Sr. Herculano confessa não saber os factos circumstanciaes, que prendeu ao facto de Ourique, em sua longa narração, segue-se, que os fingiu; são portanto todos elles filhos de sua viva e poetica imaginação, ou antes puras fabulas; porém temos provado, que todos elles envolvem anachronismos, falsidades, e contradicções, e, como taes, incriveis; logo o Sr. Herculano é que prendeu á jornada de Ourique fabulas, e essas incriveis.

Em quanto á segunda «Sabemos só a derrota dos sarracenos por Affonso Henriques» declarámos, que a confirma-

ção, feita pelo Sr. Herculano, de uma tal derrota, não produziu em nós o mais pequeno motivo de agradecimento; porquanto o Auctor reputou aquella acção em tão baixo preço, que chegou a proferir a proposição, que passámos a refutar: e é a seguinte, a pag. 328, lin 7.<sup>a</sup>: «... e nos diversos «escriptores arabes... não se encontra o minimo vestigio «de um facto, que pouco devia avultar no meio de graves «acontecimentos.» E nós estabelecemos a contraria, que é a seguinte: «E nos diversos escriptores arabes encontram-se, «não só claros vestigios, mas tambem a descripção da san- «guinolenta batalha de Ourique, e de sua terrivel conse- «quencia para os musulmanos.»

### § 15.º

O primeiro escriptor arabe, que offerecemos para a confirmação do que havemos estabelecido, é Hamed-el-Nabil, homem distincto pelo seu muito saber, e prudencia, parente do imperador de Marrocos, Moley-Mohammed 2.º; e por tão boas qualidades foi nomeado embaixador a Filippe 3.º de Hispanha; delle faz menção, e igual conceito Fray Francisco de San Juan de el Puerto, no liv. 5.º, cap. 11.º *Mission Historial de Marruecos*: este embaixador, na sua volta, escreveu o seu *Itinerario*, onde com a maior critica, e pureza de linguagem descreve, não só o que viu, e admirou na Peninsula, mas nelle introduz todos os factos principaes dos musulmanos, desde a sua primeira invasão, dirigida por Tarik, até á sempre infausta batalha d'Alcacer Quibir. Este Hamed-el-Nabil, quando chega á epocha do facto de Ourique, a pag. 102, diz o seguinte (C)... que quer dizer: «E dizem «alguns dos sabios precedentes sobre o governo da Anda- «luzia, que ella muito se engrandeceu: e na verdade con- «quistou com boa posse muitos dos logares os mais notaveis: «e foi isto depois que l'Enrik derrotou os musulmanos; não «persistiram estes depois disso no paiz, senão quando obra- «vam pacificamente; e por isso ficaram os christãos neste «paiz senhores de suas terras, e de suas riquezas.»

Antes de passarmos ao segundo escriptor arabe, convem

fazermos sobre este importante documento, que referimos, as seguintes observações:

1.<sup>a</sup> Traduzimos o vocabulo *Ulmá-i*, que se acha no original — os sabios — para mostrarmos a nossa fidelidade na traducção: porquanto o seu verdadeiro significado naquelle logar, é — historiadores — porque todos os escriptores arabes servem-se daquelle termo para exprimirem só os seus proprios historiadores; e quando querem exprimir os de outra qualquer nação, usam das seguintes expressões: *tárigu-al-nassará*, *tárigu-al-rumí* — as historias dos christãos — ou *tárigu-al-ájamia* — as historias dos barbaros. — Donde se segue, que referindo-se Hamed-el-Nabil aos seus proprios historiadores, confirma não só a existencia desses historiadores arabes, referindo esse facto de Ourique, mas tambem a intelligencia que lhes damos.

2.<sup>a</sup> Vê-se tambem, que um sabio escriptor arabe, acreditando nos seus escriptores, confessa a derrota dos seus pelo Enrik, e a victoria dos christãos; ao passo que não duvida attribuir áquella victoria o golpe fatal no dominio dos musulmanos na Hispanha.

3.<sup>a</sup> Sendo costume, e lei, entre os escriptores arabes, o adoçarem sempre com certas expressões religiosas a narração dos factos, que lhes são adversos; ou tambem referindo-os em sentido contrario (o que facilmente se conhece pelo fecho da mesma narração), Hamed-el-Nabil como nenhum destes meios empregou; apenas conclue o que deixámos referido, repete a historia da expedição de Tarik, com que havia principiado o seu *Itinerario*, narrada com a maior fôrça, e ornato de sua natural eloquencia.

#### § 16.<sup>o</sup>

O segundo escriptor arabe, que offerecemos, como prova da nossa proposição, é o historiador Abd-Alihím, na sua Historia, cap. 33, a pag. 10, diz o seguinte (*D*)... que quer dizer em nossa linguagem: «E neste anno 533 (1139), des-  
«baratou o general Taxefin as multidões dos christãos no  
«campo de Attibbat; e fez perecer delles um numero ex-  
«traordinario; e levou de seus prisioneiros seis mil capti-

\* \* \*

«vos: em consequencia do que partiu para Marrocos, e á  
«sua chegada lhe saiu ao encontro seu pae, o imperador dos  
«musulmanos, que ficou em profundo desgosto, e cheio de  
«grande susto.»

Analysemos agora esta narração; adicionando-lhe as ne-  
cessarias observações.

Acha-se no original o vocabulo *Amir* (e não emir, como  
lê, e escreve erradamente o vulgo dos traductores), que nós  
traduzimos — general — e não — imperador, ou rei — por-  
que este vocabulo sómente significa algum destes dois termos,  
quando vem acompanhado de alguma restricção, v. gr. *amiru-  
el-muminina* — imperador dos crentes — *amiru-el-burtguisa*  
— rei dos portuguezes —: mas quando vem junto a nome  
proprio, então significa — capitão, general — *Golio*, pag. 156:  
além de que bem se deixa ver pelo final da narração, que o  
Taxefin, que presidiu ao combate, era o filho do imperador,  
que nesse tempo estava em Marrocos, e que lá lhe foi dar  
a noticia. Tambem no original está escripto o vocabulo *rumi*,  
que traduzimos — christãos —; a razão porque assim o fize-  
mos, foi a seguinte: Este vocabulo *rumi*, a principio sómente  
significava entre os arabes — os romanos — e depois os gre-  
gos; mas depois foi extensivo a todos os povos, que haviam  
sido sujeitos ao imperio romano, e como este facto foi nas  
Hispanhas, por isso lhe demos uma tal significação. Não tra-  
duzimos o vocabulo *Attibbat*, porque no original está escripto  
como nome dado por antonomasia ao nome appellativo (a que  
está junto) e que significa um campo proprio para batalhas;  
e o nome *Attibbat* quer dizer — destruição total — e por con-  
sequente a significação dos dois nomes deverá ser — no campo  
da total destruição. — Deve tambem notar-se, que assim como  
traduzimos — desbaratou o general Taxefin as multidões dos  
christãos — tambem sem quebra da analyse, e regras gram-  
maticaes, podiamos traduzir — as multidões dos christãos des-  
barataram o general Taxefin — como podem ver os entende-  
dores da lingua: não o fizemos, porque preferimos a ordem  
recta á elegante, de que elles muito usam; e não ser isso  
necessario ao que nos propozemos, pelo que ainda nos resta  
de observações sobre a mesma narração.

## § 17.º

O começo da pequena, mas energica narração, que citámos, mostra até ao vocabulo *Attibbat*, que um tal combate fôra uma grande victoria para os musulmanos: e desde as palavras — e fez perecer — até á palavra *Marrocos*, mostra quanto o combate foi sanguinolento. E na verdade muitas foram as forças inimigas, que, de parte a parte, entraram no conflicto; o mesmo Abd-Alihim diz antes, mas proximo a esta narração, que Taxefin viera nesta occasião com os consideraveis reforços de infantaria, e cavallaria, como se acha citado em nossa nota *B*: fez morrer dos christãos um numero extraordinario, e dos prisioneiros levou captivos seis mil; mas devendo notar-se, que os arabes só costumam levar por captivos os que estão mais expostos ao seu character pederastico, qual não seria o numero total dos prisioneiros? e qual não deveria ser em proporção o numero dos mortos! É por isso bem facil de conjecturar, que uma tal victoria foi sanguinolenta; e até mesmo o epiteto, que pozeram ao campo — de total destruição — o confirma.

Vejamos, pois, se desde as palavras — em consequencia — até ao fim da narração, poderemos deduzir para quem foi a victoria, se para os christãos, ou para os musulmanos.

Parece que Abd-Alihim, e Mohammede-Ben-Abi, avaliam as victorias pelo numero dos mortos no campo da batalha, e não pelos seus prosperos resultados. Sabemos que tempo houve, em que assim se discorrêra sobre uma batalha de um exito duvidoso.

## § 18.º

Refere Tito Livio, que no porfiado combate entre os romanos, e etruscos, por fim de largo tempo ambos os exercitos se retiraram indecisos, a quem pertencia a victoria; mas que ouvida do bosque Arsio a voz do deos Sylvano, que dizia: — *Uno plus Etruscorum cecidisse in acie, vincere Romanos* — se decidira pertencer a victoria aos romanos, por isso que o oraculo declarou, que na mortandade de ambos

os exercitos, morrerá um de mais da parte dos etruscos. Mas não succede o mesmo aos portuguezes; estes avaliam as suas victorias, não pelos rios de sangue com que regam os campos de Marte pela independência nacional, mas sim pelo numero dos elos, que despedaçam na vergonhosa cadêa do jugo estrangeiro: este é o conceito, que delles fez o por nós já citado Hamed-el-Nabil no seu *Itinerario*, como ha pouco se leu. Fique, pois, muito embora pertencendo aos musulmanos a gloria de terem feito perecer nesse campo da total destruição um numero quasi infinito de portuguezes, que estes se contentam, e se dão por mui satisfeitos com o profundo desgosto, e grande susto, em que ficou Aly-Ben-Taxefin com a noticia de uma tal victoria, alcançada por seu filho, como o affirmam os mesmos historiadores seus.

O terceiro escriptor, com que terminamos as nossas provas, é Muhammed-Ben-Abi, na sua Historia, cap. 28, pag. 5 (*E*)... onde diz o mesmo, e pelas mesmas palavras que o Abd-Alihim, só com dois vocabulos diversos: o 1.<sup>o</sup> é *nassára*, que mais particularmente do que *rumi* significa — christãos —; o 2.<sup>o</sup> é *sabbat*, epiteto que elle dá ao campo da batalha, e por isso diz elle — no campo de muito sangue derramado.

Temos, pois, os dois citados escriptores arabes referindo o mesmo factó de Ourique, que ambos descrevem como batalha campal, e sanguinolenta, e ainda que a representem como victoria sua, vê-se comtudo, pelas regras da boa critica, e pelo testemunho do primeiro escriptor Hamed-el-Nabil, que fôra uma grande victoria para os portuguezes, e o fatal golpe no dominio dos musulmanos: devendo além disto notar-se, que foi tão grande o desgosto em que caiu Aly-Ben-Taxefin pela noticia de tão grande golpe, que elle immediatamente abdicou publicamente o governo nas mãos do filho, e pouco depois morreu, como assim o declaram os dois citados historiadores no fim de seus respectivos capitulos.

### § 19.<sup>o</sup>

Julgamos por ultimo não ser de todo alheio ao que deixamos ponderado, o accrescentarmos ainda uma pequena ob-



servação, ao que o Sr. Herculano diz a pag. 328, lin. 19.<sup>a</sup>:  
«Foi ganhada esta batalha, que tão memoravel se tornou  
«com o correr dos tempos...»

Parece-nos que vale o mesmo, que se dissesse—A tradição é que tornou esta batalha digna de memoria, de monumento, ou de narrar-se, ou de escrever-se.

Analysemos este pensamento. A tradição é tomada em duas accepções, identicas na sua substancia, porém diversas nos seus modos: porquanto é ella, ou a noticia, que passa successivamente de uns para outros, conservada simplesmente na memoria; ou é esta mesma noticia conservada por escripto; isto é, o conhecimento dos factos, ou nos é transmittido só pelos ouvidos, ou pelos monumentos physicos, como escriptos, medalhas, obeliscos, etc., pelo que poderemos classificar a primeira, chamando-lhe — tradição auricular — a segunda — tradição escripta.

Não ha duvida que o Auctor excluira a primeira accepção; porque a tradição puramente auricular é incapaz de uma tal propriedade; pois que esta, ainda mesmo engrandecendo os factos logo no seu começo, e por algum tempo, a final desaparece o conhecimento desses mesmos factos pela mui pequena, ou quasi nenhuma impressão, que elles naturalmente fazem na memoria, como diz o poeta de Venusa:

*«Segnius irritant animos demissa per aures  
«Quam quæ sunt oculis subjecta fidelibus...»*

«E é certo, que o que vem pelos ouvidos  
«Mais frouxamente os animos commove,  
«Que o que vem pelos olhos, testemunhas  
«Sempre fleis.....»

Allude, pois, sem duvida o Auctor á tradição que se funda nos monumentos historicos. Porém todos esses monumentos são constantes, e uniformes: são constantes, porque na serie dos tempos nenhum desses monumentos altera o facto de Ourique, na sua substancia, se bem que variem as modificações, o que é natural, e commum: são uniformes; porque, todos affirmam, que o conflictio em Ourique fôra uma bata-

lha campal, e sanguinolenta; todos a descrevem como victoria por todas as suas circumstancias digna de eterna memoria; todos começam alli a marcar a primeira epocha da independencia nacional; todos enfim reconhecem na victoria em Ourique o justo fundamento para a devida acclamação do primeiro rei dos portuguezes. Mas, se esse facto não foi memoravel; se elle não foi digno dessa acclamação tão solemne, indique o Auctor, qual, onde, e quando se deu esse outro facto, que mereceu um tão extraordinario, e memoravel resultado: e provado que seja, arrasem-se os monumentos que se erigiram ao de Ourique; risquem-se dos estandartes as gloriosas Quinas, que o symbolisam; troque-se nas moedas portuguezas o nobre cunho, que o recorda; e mutilem-se, finalmente, no principio dos poetas lusitanos os dourados versos, que no correr dos tempos hão de eternisar a primeira, e a mais memoravel epocha da historia portugueza.

### § 20.º

Temos portanto provado, que o conflicto no Campo de Ourique foi uma batalha campal, e sanguinolenta, que muito avultou entre todos os mais successos, que tiveram logar na Peninsula, e que de um tal facto, e tão extraordinario existem documentos nos mesmos escriptores arabes.

Por ser estranho ao nosso proposito, não provaremos, que o numero dos musulmanos na batalha de Ourique, que os differentes historiadores elevam de tresentos a quatrocentos mil, não é exaggerado; e que os cinco generaes, que concorreram áquella batalha, foram os seguintes: Taxefin-Ben-Aly, filho do imperador; Omar, primo do imperador; Ismael; Ismar; e Ibrahim. E do mesmo modo provariamos, que nenhum dos generaes se chamava *Attagor*, mas que esta era a alcunha de Omar, primo do imperador, o que em portuguez corresponde a — o dentolla — em consequencia dos mui compridos dentes, que lhe saíam da bôcca: e em ser aquelle vocabulo uma alcunha, e não um nome proprio, nos conformâmos com o mui erudito allemão Schæfer, na sua *Historia Geral de Portugal*.

E para finalisarmos este nosso pequeno trabalho com o mesmo sincero pensamento com que o havemos principiado, declarâmos, e protestâmos, que a livre intelligencia, e a liberdade de opiniões litterarias, em nada tem affrouxado em nós o muito respeito, e estima, que dedicâmos ao Sr. A. Herculano, como litterato, e compatriota; e que isto não foi mais do que o natural desafogo de um coração, que préza, tanto como a vida, a gloria, e o credito nacional.

---

The first part of the manuscript is a list of names and titles, including 'The King of the Kings', 'The Lord of the Lords', and 'The Master of the Masters'. It is followed by a series of chapters, each beginning with a heading in red ink. The text is written in a Gothic script and is arranged in two columns. The first column contains the names and titles, while the second column contains the corresponding chapters. The text is very faint and difficult to read, but it appears to be a list of names and titles, possibly a table of contents or a list of names of a specific order or society.

The second part of the manuscript is a series of chapters, each beginning with a heading in red ink. The text is written in a Gothic script and is arranged in two columns. The first column contains the names and titles, while the second column contains the corresponding chapters. The text is very faint and difficult to read, but it appears to be a list of names and titles, possibly a table of contents or a list of names of a specific order or society.

The third part of the manuscript is a series of chapters, each beginning with a heading in red ink. The text is written in a Gothic script and is arranged in two columns. The first column contains the names and titles, while the second column contains the corresponding chapters. The text is very faint and difficult to read, but it appears to be a list of names and titles, possibly a table of contents or a list of names of a specific order or society.

The fourth part of the manuscript is a series of chapters, each beginning with a heading in red ink. The text is written in a Gothic script and is arranged in two columns. The first column contains the names and titles, while the second column contains the corresponding chapters. The text is very faint and difficult to read, but it appears to be a list of names and titles, possibly a table of contents or a list of names of a specific order or society.

The fifth part of the manuscript is a series of chapters, each beginning with a heading in red ink. The text is written in a Gothic script and is arranged in two columns. The first column contains the names and titles, while the second column contains the corresponding chapters. The text is very faint and difficult to read, but it appears to be a list of names and titles, possibly a table of contents or a list of names of a specific order or society.

The sixth part of the manuscript is a series of chapters, each beginning with a heading in red ink. The text is written in a Gothic script and is arranged in two columns. The first column contains the names and titles, while the second column contains the corresponding chapters. The text is very faint and difficult to read, but it appears to be a list of names and titles, possibly a table of contents or a list of names of a specific order or society.

A

بعثهم موسى الى ابيهم الوهمين الناصر لدين  
الله بقرطبة وذلك في سنة ثلاثة وعشرين وثلاثمائة

B

بجائز الى الاندلس في جيش من خمسة آلاف فارس  
وبعثوا اجداد ذلك بسنة ثلاثة وثلاثين و  
خمسمائة

C

و قال بعض علماء السلف بامر الاندلس ان احترها  
انها فتح ملكا الا انزل من مواضع معروفة و انه  
كما هزم كرويقا كمر يندب المسلمين بعد  
ذلك ببلد الا اذ عنوا الى الصلح و لذلك يفر  
الروم فيها على ارضهم و امر الهم

D

ببها هزم الامير تاشعير جموع الروم ببعض  
عطية و ابنا منهم خلفا كثيرا و حصل على  
سببها ستة آلاف سببة فوصل الى

مراکتند بنلفاۃ والدہ علی امیر المسلمین  
یہ زین عظیم و فرخ بہ

E

بہا ہزم امیر تا شعبین جموع النصار  
بمحمد المہبانہ